

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

MARÇO DE 1869

Nº 3

A Carne é Fraca

ESTUDO PSICOLÓGICO E MORAL⁶

Há inclinações viciosas que, evidentemente, são inerentes ao Espírito, porque se devem mais ao moral do que ao físico; outras mais parecem consequência do organismo e, por este motivo, nós nos julgamos menos responsáveis; tais são as predisposições à cólera, à indolência, à sensualidade, etc.

Está hoje perfeitamente reconhecido, pelos filósofos espiritualistas, que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões, devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito; que esse desenvolvimento é, assim, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a *bossa* da música, mas tem a *bossa* da música porque seu Espírito é músico. (*Revista* de julho de 1860 e abril de 1862.)

Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. Assim, o Espírito é o artífice de seu próprio corpo, que, a bem dizer, modela, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e à manifestação de suas

⁶ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

tendências. Assim sendo, a perfeição do corpo nas raças adiantadas seria o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoa a sua ferramenta à medida que aumentam as suas faculdades. (*A Gênese segundo o Espiritismo*, cap. XI, “Gênese espiritual”.)

Por uma conseqüência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bile ou outros fluidos. É assim, por exemplo, que o glutão sente vir a saliva ou, como se diz vulgarmente, a água à boca à vista de um prato apetitoso. Não é o alimento que superexcita o órgão do paladar, pois não há contato; é o Espírito, cuja sensualidade é despertada, que age pelo pensamento sobre esse órgão, enquanto a vista daquele prato nada produz sobre outro Espírito. Dá-se o mesmo em todas as cobiças, em todos os desejos provocados pela vista. A diversidade das emoções não pode explicar-se, numa porção de casos, senão pela diversidade das qualidades do Espírito. Tal a razão pela qual uma pessoa sensível chora facilmente; não é a abundância das lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante de lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo modelou-se sob esta disposição normal do Espírito, como se modelou sob a do Espírito glutão.

Seguindo esta ordem de idéias, compreende-se que um Espírito irascível deve levar ao temperamento bilioso; donde se segue que um homem não é colérico porque seja bilioso, mas que é bilioso porque é colérico. Dá-se o mesmo com todas as outras disposições instintivas; um Espírito mole e indolente deixará o seu organismo num estado de atonia em conformidade com o seu caráter, ao passo que, se for ativo e enérgico, dará ao seu sangue, aos seus nervos, qualidades completamente diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente que, muitas vezes, se vêem graves desordens orgânicas produzidas por efeito de violentas comoções morais. A expressão vulgar: *A emoção lhe fez*

subir o sangue, não é assim tão desprovida de sentido quanto se podia crer. Ora, o que pôde alterar o sangue, senão as disposições morais do Espírito?

Este efeito é sensível sobretudo nas grandes dores, nas grandes alegrias, nos grandes pavores, cuja reação pode até causar a morte. Vêm-se pessoas que morrem do medo de morrer. Ora, que relação existe entre o corpo do indivíduo e o objeto que lhe causa pavor, objeto que, no mais das vezes, não tem qualquer realidade? Diz-se que é o efeito da imaginação; seja; mas o que é a imaginação, senão um atributo, um modo de sensibilidade do Espírito? Parece difícil atribuir a imaginação aos músculos e aos nervos, pois, então, não se explicaria por que esses músculos e esses nervos nem sempre têm imaginação; por que não a têm após a morte; por que o que nuns causa um pavor mortal, superexcita a coragem em outros.

Seja qual for a sutileza que se use para explicar os fenômenos morais exclusivamente pelas propriedades da matéria, cai-se inevitavelmente num impasse, no fundo do qual se percebe, com toda a evidência, e como única posição possível, o ser espiritual independente, para quem o organismo não passa de um meio de manifestação, como o piano é o instrumento das manifestações do pensamento do músico. Assim como o músico afina o seu piano, pode-se dizer que o Espírito afina o seu corpo para pô-lo no diapasão de suas disposições morais.

É realmente curioso ver o materialismo falar incessantemente da necessidade de resgatar a dignidade do homem, quando se esforça por reduzi-lo a um pedaço de carne, que apodrece e desaparece sem deixar qualquer vestígio; de reivindicar para ele a liberdade como um direito natural, quando o transforma num mecanismo, agindo como um autômato, sem responsabilidade por seus atos.

Com o ser espiritual independente, preexistente e sobrevivente ao corpo, a responsabilidade é absoluta. Ora, para o maior número, o primeiro, o principal móvel da crença no niilismo, é o pavor que causa essa responsabilidade, *fora da lei humana*, e à qual se crê escapar, tapando os olhos. Até hoje esta responsabilidade nada tinha de bem definido; não era senão um medo vago, fundado, é preciso reconhecer, em crenças nem sempre admissíveis pela razão; o Espiritismo a demonstra como uma realidade patente, efetiva, sem restrição, como uma consequência natural da espiritualidade do ser. Eis por que certas pessoas têm medo do Espiritismo, que as perturbaria em sua quietude, erguendo à sua frente o temível tribunal do futuro. Provar que o homem é responsável por todos os seus atos é provar a sua liberdade de ação, e provar a sua liberdade é resgatar a sua dignidade. A perspectiva da responsabilidade fora da lei humana é o mais poderoso elemento moralizador: é o objetivo ao qual conduz o Espiritismo pela força das coisas.

Conforme as observações fisiológicas que precedem, pode-se, pois, admitir que o temperamento é, ao menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte, porque há casos em que o físico evidentemente influi sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários de constituição, um mal-estar passageiro, etc. O moral do Espírito pode, então, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada.

Desculpar-se de suas más ações com a fraqueza da carne não é senão um subterfúgio para escapar à responsabilidade. *A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que derruba a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que nem tem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser *pensante e voluntarioso*. É o Espírito que dá à

carne as qualidades correspondentes aos seus instintos, como um artista imprime à sua obra material o cunho de seu gênio. Liberto dos instintos da bestialidade, o Espírito modela um corpo, que não é mais um tirano para as suas aspirações à espiritualidade de seu ser; é então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida fica, pois, inteira; mas, diz a razão que as conseqüências desta responsabilidade devem estar na razão do desenvolvimento intelectual do espírito; quanto mais esclarecido, menos desculpável, porque, com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. O selvagem, ainda vizinho da animalidade, que cede ao instinto do animal, comendo o seu semelhante, é, sem contradita, menos culpável do que o homem civilizado que comete uma simples injustiça.

Esta lei ainda encontra sua aplicação na Medicina e dá a razão do insucesso desta em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, os esforços tentados para modificá-lo podem ser paralisados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. É, pois, sobre a causa primeira que se deve agir; se não se consegue mudar as disposições morais do Espírito, o pensamento se modificará por si mesmo, sob o império de uma vontade diferente ou, pelo menos, a ação do tratamento médico será secundada, em vez de ser contrariada. Se possível, daí coragem ao poltrão, e vereis cessarem os efeitos fisiológicos do medo; dá-se o mesmo em outras disposições.

Mas, perguntarão, pode o médico do corpo fazer-se médico da alma? Está em suas atribuições fazer-se moralizador de seus doentes? Sim, sem dúvida, em certos limites; é mesmo um dever, que um bom médico jamais negligencia, desde o instante que vê no estado de alma um obstáculo ao restabelecimento da saúde

do corpo. O essencial é aplicar o remédio moral com tato, prudência e a propósito, conforme as circunstâncias. Deste ponto de vista, sua ação é forçosamente circunscrita, porquanto, além de não exercer sobre o seu doente senão um ascendente moral, em certa idade é difícil uma transformação do caráter. É, pois, à educação, e sobretudo à primeira educação, que incumbem os cuidados dessa natureza. Quando, desde o berço, a educação for dirigida nesse sentido; quando se aplicar em abafar, em seus germes, as imperfeições morais, como faz com as imperfeições físicas, o médico não mais encontrará, no temperamento, um obstáculo contra o qual a sua ciência muitas vezes é impotente.

Como se vê, é todo um estudo; mas um estudo completamente estéril, enquanto não se levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. Participação incessantemente ativa do elemento espiritual nos fenômenos da vida, tal é a chave da maior parte dos problemas contra os quais se choca a Ciência. Quando esta levar em consideração a ação desse princípio, verá se abrirem à sua frente horizontes inteiramente novos. É à demonstração desta verdade que conduz o Espiritismo.

Apóstolos do Espiritismo na Espanha

Ciudad-Real, fevereiro de 1869.

Ao Sr. Allan Kardec.

Caro Senhor,

Os espíritas que compõem o círculo da cidade de Andújar, hoje disseminados pela vontade de Deus para a propagação da verdadeira Doutrina, vos saúdam fraternalmente.

Ínfimos pelo talento, grandes pela fé, propomo-nos sustentar a Doutrina Espírita, tanto pela imprensa, como pela

palavra, tanto em público como em particular, porque é a mesma que Jesus pregou, quando veio à Terra para a redenção da Humanidade.

A Doutrina Espírita, chamada a combater o materialismo, a fazer prevalecer a divina palavra, a fim de que o espírito do Evangelho não seja mais truncado por ninguém, a preparar o caminho da igualdade e da fraternidade, necessita hoje, na Espanha, de apóstolos e de mártires. Se não podemos ser os primeiros, seremos os últimos: estamos prontos para o sacrifício.

Lutaremos sós ou em conjunto, com os que professam nossa Doutrina. Os tempos são chegados; não percamos, por indecisão ou por medo, a recompensa que está reservada aos que sofrem e são perseguidos pela justiça.

Nosso grupo era composto de seis pessoas, sob a direção espiritual do Espírito Fénelon. Nosso médium era Francisco Perez Blanca, e os outros: Pablo Medina, Luís Gonzalez, Francisco Marti, José Gonzalez e Manuel Gonzalez.

Depois de haver espalhado a semente em Andújar, estamos hoje em diversas cidades: Leon, Sevilha, Salamanca, etc., onde cada um de nós trabalha na propagação da Doutrina, o que consideramos como nossa missão.

Seguindo os conselhos de Fénelon, vamos publicar um jornal espírita. Desejando ilustrá-lo com extratos tirados das obras que publicastes, pedimos que nos concedais a permissão. Além disso, ficaríamos muito contentes com a vossa benévola cooperação e, para tal fim, pomos à vossa disposição as colunas do nosso jornal.

Agradecendo-vos antecipadamente, rogamos saudar, em nosso nome, os nossos irmãos da Sociedade de Paris.

E vós, caro senhor, recebei o fraternal abraço de vossos irmãos. Por todos,

Manuel Gonzalez Soriano

Em muitas ocasiões já dissemos que a Espanha contava numerosos adeptos, sinceros, devotados e esclarecidos. Aqui, não é mais devotamento, é abnegação; não uma abnegação irrefletida, mas calma, fria, como a do soldado que marcha para o combate, dizendo: Custe-me o que custar, cumprirei o meu dever. Não é essa coragem que flameja como um fogo de palha e se extingue ao primeiro alarme; que, antes de agir, calcula cuidadosamente o que pode perder ou ganhar: é o devotamento daquele que põe o interesse de todos acima do interesse pessoal.

Que teria sucedido às grandes idéias que fizeram avançar o mundo, se só tivessem encontrado defensores egoístas, devotados em palavras enquanto nada tivessem a temer e a perder, mas se dobrando ante um olhar de ameaça e o medo de comprometer algumas parcelas de seu bem-estar? As ciências, as artes, a indústria, o patriotismo, as religiões, as filosofias têm tido os seus apóstolos e os seus mártires. O Espiritismo também é uma grande idéia regeneradora; apenas surge; ainda não está completo, e já encontra corações devotados até a abnegação, até o sacrifício; devotamentos muitas vezes ignorados, não buscando a glória nem o brilho, mas que, por agir numa pequena esfera, nem por isso são menos meritórios, porque moralmente mais desinteressados.

Contudo, em todas as causas, os devotamentos em plena luz são necessários, porque eletrizam as massas. Não está longe o tempo, isto é certo, em que o Espiritismo terá também seus grandes defensores que, afrontando os sarcasmos, os preconceitos e a perseguição, empunharão sua bandeira com a firmeza que dá a consciência de fazer uma coisa útil; apoiá-lo-ão com a autoridade de seu nome e de seu talento, e seu exemplo arrastará a multidão dos tímidos que, por prudência, se tenham mantido afastados.

Nossos irmãos da Espanha abrem a marcha; cingem os rins e se preparam para a luta. Que recebam os nossos cumprimentos e os de seus irmãos em crença de todos os países, porque entre os espíritas não há distinção de nacionalidades. Seus nomes serão inscritos com honra ao lado dos corajosos pioneiros, aos quais a posteridade deverá um tributo de reconhecimento, por terem sido os primeiros a pagar com suas pessoas e contribuído para o soerguimento do edifício.

Significa dizer que o devotamento consiste em tomar o bastão de viagem para ir pregar pelo mundo a toda a gente? Não, certamente; em qualquer lugar onde se esteja pode-se ser útil. O verdadeiro devotamento consiste em saber tirar o melhor partido de sua posição, pondo ao serviço da causa, o mais utilmente possível e com discernimento, as forças físicas e morais que a Providência distribuiu a cada um.

A dispersão desses senhores não se deveu à sua vontade. Reunidos, inicialmente, pela natureza de suas funções, estas os chamaram a vários pontos da Espanha. Longe de desanimarem por esse isolamento, compreenderam que, ficando unidos por pensamento e ação, poderiam fincar a bandeira em vários centros, e que assim sua separação redundaria em proveito da vulgarização da idéia.

Assim se deu num regimento francês, onde um certo número de oficiais tinha formado grupos, dos mais sérios e mais bem organizados que vimos. Animados de um zelo esclarecido e de um devotamento a toda prova, seu objetivo era, primeiramente, instruir-se a fundo nos princípios da Doutrina e, depois, exercitar-se na palavra, impondo-se a obrigação de tratar, cada um por sua vez, uma questão, para se familiarizarem na controvérsia. Fora de seu círculo pregavam pela palavra e pelo exemplo, mas com prudência e moderação; não procurando fazer a propagação a qualquer preço, a tornavam mais proveitosa. Deslocado o

regimento, se espalharam por várias cidades; assim o grupo se dispersou materialmente, mas, sempre unido em intenções, prossegue sua obra em pontos diferentes.

O Espiritismo em Toda Parte

EXTRATO DOS JORNAIS INGLESES

Um dos nossos correspondentes de Londres nos transmite a seguinte notícia:

“O jornal inglês *The Builder* (O Construtor), órgão dos arquitetos, muito estimado por seu caráter prático e retidão de seus julgamentos, tratou casualmente, várias vezes seguidas, de questões relativas ao Espiritismo. Nesses artigos ele cuida das manifestações da atualidade, fazendo o autor uma apreciação do seu ponto de vista.

“O Espiritismo também foi abordado em algumas das últimas notícias da *Revista Antropológica* de Londres; aí se declara que *o fato da intervenção ostensiva dos Espíritos, em certos fenômenos, está muito bem provado para ser posto em dúvida*. Aí se fala do invólucro corporal do homem como de uma grosseira vestimenta apropriada ao seu estado atual, que se considera como o mais baixo escalão do reino hominal; esse reino, embora o coroamento da animalidade do planeta, não passa de um esboço do corpo glorioso, leve, purificado e luminoso que a alma deve revestir no futuro, à medida que a raça humana se desenvolve e se aperfeiçoa.

“Ainda não é, acrescenta o nosso correspondente, a doutrina homogênea e coerente da escola espírita francesa, mas dela se aproxima muito, e me pareceu interessante como indício do movimento das idéias no *sentido espírita* deste lado do estreito. Mas lhes falta direção; flutua-se à aventura nesse mundo novo que se abre perante a Humanidade, e não é de admirar que nele a gente se

perca por falta de um guia. Não é de duvidar que, se as obras da Doutrina fossem traduzidas para o inglês, congregariam numerosos partidários, fixando as idéias ainda incertas.”

*A. Blackwell*⁷

CHARLES FOURIER

Numa obra intitulada: *Charles Fourier, sua vida e suas obras*, por Pellarin, encontra-se uma carta de Fourier ao Sr. Muiron, datada de 3 de dezembro de 1826, pela qual prevê os futuros fenômenos do Espiritismo.

Está assim concebida:

“Parece que os Srs. C. e P. renunciaram ao seu trabalho sobre o magnetismo. Eu apostaria que eles não fazem valer o argumento fundamental: é que, *se tudo está ligado no Universo, deve existir meios de comunicação entre as criaturas do outro mundo e deste*; quero dizer: comunicação de faculdades, participação temporária e acidental das faculdades dos ultramundanos ou defuntos, e não comunicação com eles. Esta participação não pode dar-se em vigília, mas somente num estado misto, como o sono ou outro. Os magnetizadores encontraram esse estado? Ignoro-o, mas, em princípio, sei que deve existir.”

Fourier escrevia isto em 1826, a propósito dos fenômenos sonambúlicos; não podia ter qualquer idéia dos meios de comunicação direta, descobertos vinte e cinco anos mais tarde, e não concebia a sua possibilidade senão em estado de desprendimento, que de certo modo aproximasse os dois mundos; mas nem por isso deixava de ter a convicção do fato principal, o da existência dessas relações.

⁷ N. do T.: Trata-se de Anna Blackwell, primeira tradutora para o inglês de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

Sua crença sobre um outro ponto capital, o da reencarnação na Terra, é ainda mais precisa quando diz: *Um mal rico poderá voltar para mendigar à porta do castelo do qual foi proprietário.* É o princípio da expiação terrestre nas existências sucessivas, em tudo semelhante ao que ensina o Espiritismo, conforme os exemplos fornecidos por essas mesmas relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Graças a tais relações, esse princípio de justiça, que não existia no pensamento de Fourier senão no estado de teoria ou de probabilidade, tornou-se uma verdade patente.

PROFISSÃO DE FÉ DE UM FOURIERISTA

A passagem seguinte é extraída de uma nova obra intitulada: *Cartas a meu irmão sobre as minhas crenças religiosas*, por Math. Briancourt.⁸

“Creio num só Deus todo-poderoso, justo e bom, tendo por corpo a luz, por membros a totalidade dos astros ordenados em séries hierárquicas. – Creio que Deus atribui a todos os seus membros, grandes e pequenos, uma função a cumprir no desenvolvimento da vida universal que é a sua vida, reservando a inteligência para aqueles membros que a ele se associam no governo do mundo. – Creio que os seres inteligentes do último grau, as humanidades, têm por tarefa a gestação dos astros que habitam e sobre os quais têm missão de fazer reinarem a ordem, a paz e a justiça. – Creio que as criaturas preenchem suas funções satisfazendo suas necessidades, que Deus proporciona exatamente às exigências das funções; e como, em sua bondade, liga o prazer à satisfação das necessidades, creio que toda criatura, realizando sua tarefa, é tão feliz quanto comporta a sua natureza, e que os seus sofrimentos são tanto mais vivos quanto mais se afastam da realização dessa tarefa. – Creio que a Humanidade terrestre em breve terá adquirido os conhecimentos e o material que lhe são

indispensáveis para cumprir sua alta função e que, em consequência, o dia da felicidade geral aqui não tardará muito a surgir. – Creio que a inteligência dos seres racionais dispõe de dois corpos: um formado de substâncias visíveis aos nossos olhos; outro de matérias mais sutis e invisíveis chamadas aromas. – *Creio que, com a morte de seu corpo visível, esses seres continuam a viver num mundo aromal, onde encontram a remuneração exata de suas obras boas ou más; em seguida, após um tempo mais ou menos longo retomam um corpo material para o abandonar ainda à decomposição, e assim por diante.* – Creio que as inteligências que crescem cumprindo exatamente as suas funções vão animar seres cada vez mais elevados na divina hierarquia, até que entrem, no fim dos tempos, no seio de Deus, de onde saíram, que se unam à sua inteligência e partilhem de sua vida aromal.”

Com tal profissão de fé, compreende-se que os fourieristas e espíritas possam dar-se as mãos.

Variedades

SENHORITA DE CHILLY

Lê-se no jornal *Petite Presse* de 11 de fevereiro de 1869:

O Sr. de Chilly, o simpático diretor do Odéon, tão cruelmente provado pela morte quase fulminante de sua filha única, está ameaçado por uma nova dor. Sua sobrinha, Srta. Artus, filha do antigo maestro do Ambigu-Comique, está neste momento, por assim dizer, à beira do túmulo. A propósito, o *Figaro* relata esta triste e comovente história:

“Agonizante, a Srta. de Chilly deu um pequeno anel a esta prima, cuja vida está hoje tão cruelmente ameaçada, e lhe disse: – Toma-o, *tu mo restituirás.*”

“Teriam estas palavras ferido a imaginação da pobre menina? Eram a expressão desta dupla vista, atribuída à morte? A verdade é que, alguns dias após os funerais da Srta. de Chilly, sua jovem prima ficava doente.”

“O que o *Figaro* não diz é que, em seus últimos momentos, a pobre morta, que se agarrava à vida com toda a energia de seus belos dezoito anos, gritava de seu leito de dor à sua prima, que se desfazia em lágrimas num canto do quarto, teatro de sua agonia: – Não, não quero morrer! não quero ir só! virás comigo! eu te espero! eu te espero! não te casarás!

“Que espetáculo e que angústias para essa infortunada Srta. Artus, cujos sponsais se preparavam no momento mesmo em que a Srta. de Chilly se acamava para não mais se erguer!”

Sim, certamente estas palavras são a expressão da *dupla vista atribuída à morte*, e cujos exemplos não são raros. Quantas pessoas tiveram pressentimentos desse gênero antes de morrer! Dir-se-á que representam uma comédia? Que os niilistas expliquem esses fenômenos, se puderem! Se a inteligência não fosse senão uma propriedade da matéria, e devesse extinguir-se com esta, como explicar a recrudescência da atividade dessa mesma inteligência, as faculdades novas, por vezes transcendentais, que muitas vezes se manifestam no momento mesmo em que o organismo se dissolve, em que o último suspiro vai exalar-se? Isto não prova senão que algo sobrevive ao corpo? Já foi dito centenas de vezes: a alma independente se manifesta a cada instante sob mil formas e em condições de tal modo evidentes, que é preciso fechar voluntariamente os olhos para não ver.

APARIÇÃO DE UM FILHO VIVO À SUA MÃE

O fato seguinte é relatado por um jornal de Medicina de Londres e reproduzido pelo *Journal de Rouen*, de 22 de dezembro de 1868:

“Na semana passada o Sr. Samuel W., um dos principais empregados do Banco, deixou de comparecer a um sarau para o qual tinha sido convidado com a esposa, porque se achava muito indisposto. Chegou em casa com um febrão violento. Procuraram o médico, mas este tinha sido chamado a uma cidade próxima e só voltaria tarde da noite.

“A Sra. Samuel decidiu esperar o médico à cabeceira do marido. Embora vitimado por uma febre ardente, o doente dormia tranqüilamente. Um pouco tranqüilizada e vendo que seu marido não sofria, a Sra. Samuel não lutou contra o sono, e por sua vez adormeceu.

“Pelas três horas, ouviu tocar a campainha da porta principal. Deixou a poltrona precipitadamente, tomou um castiçal e desceu ao salão.

“Lá esperava ver entrar o médico. A porta do salão abriu-se, mas, em vez do doutor, ela viu entrar seu filho Eduardo, um rapaz de doze anos, que estudava num colégio perto de Windsor. Estava muito pálido e tinha a cabeça envolta em larga faixa branca.

– “Esperavas o médico para o papai, não? perguntou ele abraçando a mãe. Mas papai está melhor; não é nada mesmo; amanhã se levantará. Sou eu que preciso de um bom médico. Trata de chamá-lo imediatamente, porque o do colégio não entende muito da coisa...

“Tomada de medo, a Sra. Samuel teve forças para tocar a sineta. Chegou a camareira. Encontrou a patroa no meio do salão, imóvel, com o castiçal na mão. O ruído de sua voz despertou a Sra. Samuel. Ela tinha sido joguete de uma visão, de um sonho, chamemos como quisermos. Lembrava-se de tudo e repetiu à camareira o que tinha julgado ouvir. Depois exclamou chorando: ‘Deve ter acontecido uma desgraça a meu filho!’

“Chegou o médico tão esperado. Examinou o Sr. Samuel. A febre quase tinha desaparecido; garantiu que não passava de uma febre nervosa, que seguia o seu curso e acabava em algumas horas.

“Depois destas palavras tranquilizadoras, a mãe narrou ao médico o que lhe havia acontecido uma hora antes. O profissional – por incredulidade ou talvez por vontade de ir repousar – aconselhou a Sra. Samuel a não dar importância a esses fantasmas. Contudo, teve que ceder às rogativas, às angústias da mãe e acompanhá-la a Windsor. Ao romper do sol chegaram ao colégio. A Sra. Samuel pediu notícias de seu filho; responderam que estava na enfermaria desde a véspera. O coração da pobre mãe apertou-se; o doutor ficou pensativo.

“Em suma, visitaram o menino. Este havia sofrido um grande ferimento na frente, brincando no jardim. Tinham-lhe prestado os primeiros socorros e, embora mal feito o curativo, a ferida nada tinha de perigosa.

“Eis o fato em todos os seus detalhes; nós o obtivemos de pessoas dignas de fé. Dupla vista ou sonho, deve sempre ser considerado como um fato ordinário.”

Como se vê, a idéia da dupla vista ganha terreno. Ela se acredita fora do Espiritismo, como a pluralidade das existências, o perispírito, etc., tanto é verdade que o Espiritismo chega por mil caminhos e se implanta sob todas as formas, pelos próprios cuidados dos que não o querem.

A possibilidade do fato acima é evidente e seria supérfluo discuti-la. É um sonho ou efeito da dupla vista? A Sra. Samuel dormia e, ao despertar, lembra-se do que viu; era, pois, um sonho; mas um sonho que traz a imagem de uma atualidade tão precisa, e que é verificada quase imediatamente, não é um produto da imaginação: é uma visão muito real. Há, ao mesmo tempo, dupla

vista, ou visão espiritual, porque é bem certo que não foi com os olhos do corpo que a mãe viu o seu filho. De um lado e de outro houve desprendimento da alma; foi a alma da mãe que foi para o filho, ou a do filho que veio para a mãe? As circunstâncias tornam este último caso mais provável, porque na outra hipótese a mãe teria visto o filho na enfermaria.

Alguém que não conhece o Espiritismo senão muito superficialmente, mas admite perfeitamente a possibilidade de certas manifestações, perguntava como é que o filho, que estava em seu leito, pudera apresentar-se à mãe com as suas roupas. “Concebo, dizia ele, a aparição pelo fato do desprendimento da alma; mas não compreenderia que objetos puramente materiais, como roupas, tenham a propriedade de transportar para longe uma parte quintessenciada de sua substância, o que suporia uma vontade.”

Respondemos-lhe que as roupas, tanto quanto o corpo material do jovem ficaram em seu lugar. Após breve explicação sobre o fenômeno das criações fluídicas, acrescentamos: O Espírito do jovem apresentou-se em casa de sua mãe com seu corpo fluídico ou perispiritual. Sem ter tido o desígnio premeditado de vestir-se com suas roupas, sem ter feito este raciocínio: “Minhas roupas de pano ali estão; não posso vesti-las; é preciso, pois, que eu fabrique roupas fluídicas que terão a sua aparência”, bastou-lhe pensar em sua roupa habitual, na que teria usado nas circunstâncias ordinárias, para que esse pensamento desse ao seu perispírito as aparências dessa mesma roupa. Pela mesma razão teria podido apresentar-se com a roupa de dormir, se tal tivesse sido o seu pensamento. Para ele essa aparência se tornara uma espécie de realidade; tinha apenas uma imperfeita consciência de seu estado fluídico e, assim como certos Espíritos ainda se julgam neste mundo, ele julgava vir à casa da mãe em carne e osso, pois a beija como de costume.

As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis são, pois, verdadeiras criações fluídicas, muitas vezes inconscientes. A roupa, os sinais particulares, os ferimentos, os defeitos do corpo, os objetos que usa, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual.

– Mas, então, diz o nosso nobre interlocutor, é toda uma ordem de idéias novas; há nisso todo um mundo, e esse mundo está em nosso meio; muitas coisas se explicam; as relações entre os vivos e os mortos se compreendem. – Sem a menor dúvida; e é ao conhecimento desse mundo, que nos interessa por tantos motivos, que conduz o Espiritismo. Esse mundo se revela por uma imensidade de fatos, que são desprezados por não se compreender a sua causa.

UM TESTAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS

“No Estado do Maine, nos Estados Unidos, uma senhora pleiteava a nulidade de um testamento de sua mãe. Dizia que, membro de uma sociedade espírita, sua mãe escrevera suas últimas vontades sob o ditado de uma mesa girante.

“O juiz declarou que a lei não proibia consultas às mesas girantes, e as cláusulas do testamento foram mantidas.”

Ainda não chegamos a tanto na Europa. Por isso, o jornal francês que relata o fato o fez preceder desta exclamação: *São fortes esses americanos!* Entenda-se: *São bobos!*

Pense o que pensar o autor desta reflexão crítica, esses americanos poderão, sobre certos pontos, servir de exemplo à velha Europa, quando esta ainda se arrasta por tanto tempo na rotina dos velhos preconceitos. O movimento progressivo da Humanidade partiu do Oriente e pouco a pouco se propagou para o Ocidente; já teria transposto o Atlântico e plantado sua bandeira no novo continente, deixando a Europa na retaguarda, como a

Europa deixou a Índia? É uma lei e o ciclo do progresso já teria dado várias vezes a volta ao mundo? O fato seguinte poderia fazê-lo supor.

EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES NOS ESTADOS UNIDOS

Escrevem de Yankton, cidade de Dakota (Estados Unidos) que a Assembléia Legislativa desse território acaba de adotar, por grande maioria, um projeto de lei do Sr. Enos Stutsman, que concede às mulheres o direito de sufrágio e de elegibilidade. (*Sième* do dia 15 de janeiro de 1869.)

Quarta-feira, 29 de julho, a Sra. Alexandrine Bris prestou, perante a Faculdade de Ciências de Paris, um exame de bacharelado em ciências; foi recebida com quatro bolas brancas, sucesso raro, que lhe valeu felicitações por parte do presidente, ratificadas por aclamações de toda a assistência.

O *Temps* assegura que a Sra. Bris deve inscrever-se na Faculdade de Medicina, visando o doutorado. (*Grande Moniteur* do dia 6 de agosto de 1868.)

Disseram-nos que a Sra. Bris é americana. Conhecemos duas senhoritas de Nova Iorque, irmãs da Srta. B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, que têm diploma de doutor e exercem a Medicina exclusivamente para mulheres e crianças. Ainda não chegamos a este ponto.

MISS NICHOL, MÉDIUM DE TRANSPORTE

Nestes últimos dias, o Hotel dos Dois Mundos, da rua d'Antin, foi teatro das sessões sobrenaturais dadas pela célebre *médium* Nichol, apenas em presença de alguns iniciados.

A Sra. Nichol vai a Roma submeter ao exame do Santo Padre a sua faculdade extraordinária, que consiste em fazer cair

chuvas de flores. – É o que se chama um *médium de transporte*. (Jornal *Paris*, 15 de janeiro de 1869.)

A Sra. Nichol é de Londres, onde goza de certa reputação como médium. Assistimos a algumas de suas experiências, numa sessão íntima, há mais de um ano, e confessamos que nos deixaram muito a desejar. É verdade que somos sofrivelmente céptico em relação a certas manifestações, e um tanto exigente quanto às condições em que se produzem, não que ponhamos em dúvida a boa-fé dessa senhora: dizemos apenas que o que *vimos* não nos pareceu capaz de convencer os incrédulos.

Desejamos-lhe boa-sorte junto ao Santo Padre; por certo ela não terá dificuldade em convencê-lo da realidade dos fenômenos que hoje são abertamente confessados pelo clero. (Vide a obra intitulada: *Os Espíritos e suas relações com o mundo visível*, pelo abade Triboulet.)⁹ Mas duvidamos muito que ela consiga que reconheçam oficialmente que não são obras do diabo.

Roma é uma terra malsã para os médiuns que não fazem milagres segundo a Igreja. Lembra-se que em 1864 o Sr. Home, que ia a Roma, não para exercer a sua faculdade, mas unicamente para estudar escultura, viu-se forçado a ceder à injunção que lhe foi feita de deixar a cidade em vinte e quatro horas. (*Revista* de fevereiro de 1864.)

As Árvores Mal-Assombradas da Ilha Maurício

As últimas notícias que recebemos da Ilha Maurício constataam que o estado dessa infeliz região segue exatamente as fases anunciadas. (*Revista* de julho de 1867 e novembro de 1868.)

Além disso contêm um fato notável, que forneceu assunto para uma importante instrução na Sociedade de Paris.

“Os calores do verão, diz o nosso correspondente, trouxeram a terrível febre, mais freqüente, mais tenaz do que nunca. Minha casa tornou-se uma espécie de hospital e passo o tempo a me cuidar e a tratar do próximo. A mortalidade não é muito grande, é verdade, mas, depois de horríveis sofrimentos que nos causam cada acesso, experimentamos uma perturbação geral, que desenvolve em nós novas doenças: as faculdades se alteram pouco a pouco; os sentidos, sobretudo a audição e a visão, são particularmente afetados. Entretanto, nossos Espíritos bons, perfeitamente concordes em suas comunicações com as vossas, nos anunciam o próximo fim da epidemia, mais a ruína e a decadência dos ricos, o que, aliás, já começa.

“Aproveito o pouco tempo disponível para vos dar os detalhes que prometi, sobre os fenômenos de que a minha casa tem sido teatro. As pessoas às quais ela pertencia antes de mim, despreocupadas e negligentes, conforme o uso da região, a tinham quase deixado cair em ruína, de modo que fui obrigado a fazer grandes reparações. O jardim, transformado em capoeira, estava cheio dessas grandes árvores da Índia, chamadas *multiplicantes*, cujas raízes, saídas do alto dos galhos, descem até o solo, onde se implantam, ora formando troncos enormes, superpondo-se uns aos outros, ora galerias bastante extensas.

“Essas árvores têm reputação bastante má nesta região, onde passam por ser assombradas pelos Espíritos maus. Sem consideração por seus supostos habitantes misteriosos, e como absolutamente não eram do meu gosto e atulhavam inutilmente o jardim, mandei derrubá-las. Desde esse momento se nos tornou quase impossível ter um dia de repouso na casa. Seria preciso ser realmente espírita para continuar a habitá-la. A cada instante ouvíamos batidas por todos os lados, portas se abrindo e se

fechando, móveis se mexendo, suspiros, palavras confusas; muitas vezes ouviam-se pisadas nos quartos vazios. Os operários que reparavam a casa foram perturbados muitas vezes por esses ruídos estranhos, mas, como era durante o dia, não se apavoravam muito, pois as manifestações são muito freqüentes na região. Por mais que fizéssemos preces, evocássemos esses Espíritos e os doutrinássemos, eles só respondiam por injúrias e ameaças e não cessavam sua algazarra.

“Nesta época tínhamos uma reunião por semana. Mas não podeis imaginar todas as traquinadas que nos foram feitas para perturbar e interromper nossas sessões; ora as comunicações eram interceptadas, ora os médiuns experimentavam sofrimentos que os forçavam à inação.

“Parece que os clientes habituais da casa eram muito numerosos e muito maus para serem moralizados, pois não lhes pudemos vencer a resistência, vendo-nos obrigados a cessar as reuniões, já que nada mais obtínhamos. Só um nos quis escutar e se recomendar às nossas preces. Era um pobre português, chamado Guilherme, que se supunha vítima das criaturas com as quais tinha cometido não sei que maldade, e que o retinham lá, dizia ele, para sua punição. Tomei informações e soube que, efetivamente, um marinheiro português com esse nome tinha sido um dos locatários da casa, e que havia morrido.

“A febre chegou; os ruídos tornaram-se menos freqüentes, mas não cessaram; aliás, acabamos por nos habituar. Ainda nos reuníamos, mas a doença impediu que as sessões prosseguissem normalmente. Cuidei para que fossem feitas tanto quanto possível no jardim, pois notamos que na casa as boas comunicações são mais difíceis de obter e que nesses dias somos bastante atormentados, sobretudo à noite.”

A questão dos lugares assombrados é um fato comprovado; os barulhos e perturbações são coisas conhecidas. Mas certas árvores terão um poder atrativo particular? Na circunstância de que se trata, existe uma relação qualquer entre a destruição dessas árvores e os fenômenos que se seguiram imediatamente? A crença popular teria aqui alguma realidade? É o que a instrução abaixo parece dar uma explicação lógica, até mais ampla confirmação.

(Sociedade de Paris, 19 de fevereiro de 1869)

Todas as lendas, sejam quais forem, por mais ridículas e pouco fundamentadas que sejam, repousam numa base real, numa verdade incontestável, demonstrada pela experiência, mas amplificada e desnaturada pela tradição. Diz-se que certas plantas são boas para expulsar os Espíritos maus; outras podem provocar a possessão; certos arbustos são mais particularmente assombrados; tudo isto é verdadeiro, isoladamente. Um *fato* ocorreu, uma manifestação especial justificou esse dito, e a massa supersticiosa apressou-se em generalizá-lo. É a história de um homem que põe um ovo. A coisa corre em *segredo* de boca em boca e se amplifica até tomar as proporções de uma lei incontestável, e essa lei que não existe é aceita em razão das aspirações para o desconhecido, para o *extranatural* da generalidade dos homens.

As “multiplicantes” foram, sobretudo em Maurício, e são ainda, pontos de referência para as reuniões da noite; a gente se encosta a um tronco, respira o ar à sua volta e se abriga sob sua folhagem.

Ora, ao desencarnarem, sobretudo quando estão em certa inferioridade, os homens conservam seus hábitos materiais; freqüentam os lugares de que gostavam quando encarnados, aí se reúnem e aí permanecem. Eis por que há lugares mais particularmente assombrados; aí não vêm os primeiros Espíritos que chegam, mas os Espíritos que os freqüentaram em vida. As

“multiplicantes” não são, pois, mais propícias à habitação dos Espíritos inferiores do que qualquer outro abrigo. O costume as designa aos fantasmas de Maurício, como certos castelos, certas clareiras das florestas alemãs, certos lagos são assombrados mais particularmente pelos Espíritos, na Europa.

Se se perturbam esses Espíritos, ainda inteiramente materiais, e que, na sua maioria, se julgam vivos, eles se irritam e tendem a vingar-se e a implicar com os que os privaram de seu abrigo; daí as manifestações de que essa senhora e tantos outros tiveram que se queixar.

Em geral, sendo a população mauriciana inferior, do ponto de vista moral, a desencarnação não pode fazer do espaço senão um viveiro de Espíritos muito pouco desmaterializados, ainda marcados por todos os seus hábitos terrenos, e que continuam, não obstante Espíritos, a viver como se fossem homens. Privam da tranqüilidade e do sono os que os privam de sua habitação predileta, e eis tudo. A natureza do abrigo, seu aspecto lúgubre, nada tem a ver com isso; é simplesmente uma questão de bem-estar. Desalojam-nos e eles se vingam. Materiais por essência, vingam-se materialmente, batendo nas paredes, lamentando-se, manifestando seu descontentamento sob todas as formas.

Que os mauricianos se depurem e progridam e voltarão ao espaço com tendências de outra natureza, e as “multiplicantes” perderão a faculdade de abrigar os fantasmas.

Clélie Duplantier

Conferência Sobre o Espiritismo

Sob o título de: *O Espiritismo perante a Ciência*, uma conferência pública, pelo Sr. Chevillard, tinha sido anunciada para

o dia 30 de janeiro último, na sala do Boulevard des Capucines. Em que sentido devia falar o orador? É o que todo o mundo ignorava.

O anúncio parecia prometer uma discussão *ex-professo* de todas as partes da questão. Todavia, o orador fez completa abstração da parte mais essencial, a que constitui, a bem dizer, o Espiritismo: a parte filosófica e moral, sem a qual seguramente o Espiritismo não estaria hoje implantado em todas as partes do mundo, e não contaria seus adeptos por milhões. Desde 1855 já se cansavam das mesas girantes; certamente se a isto se tivesse limitado o Espiritismo, há muito tempo não se falaria mais dele; sua rápida propagação data do momento em que nele se viu algo de sério e de útil, em que se entreviu um objetivo humanitário.

O orador limitou-se, pois, ao exame de alguns fenômenos materiais, porque nem mesmo falou dos fenômenos espontâneos, tão numerosos, que se produzem fora de toda crença espírita. Ora, anunciar que se vai tratar de uma questão tão vasta, tão complexa em suas aplicações e em suas conseqüências e deter-se em alguns pontos superficiais, é absolutamente como se, sob o nome de *Curso de Literatura*, um professor se limitasse a explicar o alfabeto.

Talvez o Sr. Chevillard se tivesse dito: “Para que falar da doutrina filosófica? Já que essa doutrina se apóia sobre a intervenção dos Espíritos, quando eu tiver provado que tal intervenção não existe, todo o resto desmoronará.” Quantos, antes do Sr. Chevillard, se gabaram de haver desferido o último golpe no Espiritismo, sem falar do inventor do famoso músculo estalante, o doutor Jobert (de Lamballe), que enviava sem piedade todos os espíritas para o hospício de Charenton e que, dois anos mais tarde, ele próprio morria numa casa de alienados! Contudo, a despeito de todos esses fanfarrões, ferindo a torto e a direito, e que pareciam não ter senão que falar para o reduzir a pó, o Espiritismo viveu, cresceu e vive sempre, mais forte, mais vivaz do que nunca!

Eis um fato que tem o seu valor. Quando uma idéia resiste a tantos ataques, é que existe alguma coisa a mais.

Não se viram outrora cientistas se esforçando para demonstrar que o movimento da Terra era impossível? E sem ir tão longe, esse século não nos mostrou uma corporação ilustre declarar que a aplicação do vapor à navegação era uma quimera? Um livro curioso a fazer seria a coletânea dos erros oficiais da Ciência. Isto é simplesmente para chegar a esta conclusão: quando uma coisa é verdadeira, marcha a despeito de tudo, malgrado a opinião contrária dos sábios. Ora, se o Espiritismo marchou, apesar dos argumentos que lhe opuseram a alta e a baixa ciência, é uma presunção em seu favor.

O Sr. Jobert (de Lamballe) tratava sem-cerimônia todos os espíritas de charlatães e escroques. Deve-se render justiça ao Sr. Chevillard, que só os censura por se enganarem quanto à causa. Aliás, os epítetos indecorosos, além de nada provarem, sempre denotam falta de civilidade, e ficariam muito deslocados num auditório onde, necessariamente, deveriam encontrar-se muitos espíritas. O púlpito evangélico é menos escrupuloso; aí se diz muitas vezes: “Fugi dos espíritas como da peste e persegui-os”, o que prova que o Espiritismo é alguma coisa, já que o temem e desde que não se dão tiros de canhão contra moscas.

O Sr. Chevillard não nega os fatos; ao contrário, admite-os, pois os constatou. Apenas os explica à sua maneira. Ao menos traz um argumento novo em favor de sua tese? Pode-se julgar por isto:

“Cada homem, diz ele, possui uma quantidade maior ou menor de eletricidade animal, que constitui o fluido nervoso. Esse fluido se desprende sob o império da vontade, do desejo de fazer mover uma mesa; penetra a mesa e esta se move; as pancadas

na mesa não passam de descargas elétricas, provocadas pela concentração do pensamento.” Escrita mecânica: a mesma explicação.

Mas como explicar as pancadas nas paredes, sem a participação da vontade, em pessoas que não sabem o que é o Espiritismo, ou nele não acreditam? Superabundância de eletricidade, que se desprende espontaneamente e produz descargas.

E as comunicações inteligentes? Reflexo do pensamento do médium. – E quando o médium obtém, pela tipologia ou pela escritura, coisas que ele ignora? Sempre se sabe alguma coisa, e se não for o pensamento do médium, poderá ser o dos outros.

E quando o médium escreve, inconscientemente, coisas que lhe são pessoalmente desagradáveis, é o seu próprio pensamento? Deste fato, assim como de muitos outros, ele não cogita. Entretanto, uma teoria não pode ser verdadeira senão com a condição de resolver todas as fases de um problema. Se um único fato escapar à explicação, é que esta é falsa ou incompleta. Ora, de quantos fatos esta é impotente para dar a solução! Desejaríamos muito saber como o Sr. Chevillard explicaria, por exemplo, os fatos relatados acima concernentes à Srta. de Chilly, a aparição do jovem Eduardo Samuel, todos os incidentes do que se passou na Ilha Maurício. Como explicaria, pelo desprendimento da eletricidade, a escrita em pessoas que não sabem escrever? pelo reflexo do pensamento o caso daquela criada que escreveu, diante de toda uma comunidade: Eu roubo a minha patroa?

Em suma, o Sr. Chevillard reconhece a existência dos fenômenos, o que já é alguma coisa, mas nega a intervenção dos Espíritos. Quanto à sua teoria, não oferece absolutamente nada de novo; é a repetição do que tem sido dito, desde quinze anos, sob

todas as formas, sem que a idéia tenha prevalecido. Será ele mais feliz do que os seus antecessores? É o que o futuro provará.

É verdadeiramente curioso ver a que expedientes recorrem os que querem explicar tudo sem os Espíritos! Em vez de irem direto ao que se apresenta diante deles na mais simples das formas, vão procurar causas tão confusas, tão complicadas, que só são inteligíveis para eles. Deveriam ao menos, para completar sua teoria, dizer em que, na sua opinião, se tornam os Espíritos dos homens após a morte, pois isto interessa a todo o mundo, e provar como é que esses Espíritos não podem manifestar-se aos vivos. É o que ninguém ainda fez, ao passo que o Espiritismo prova como eles o podem fazer.

Mas tudo isto é necessário. É preciso que todos esses sistemas se esgotem e mostrem sua impotência. Aliás, há um fato notório: é que toda essa repercussão dada ao Espiritismo, todas as circunstâncias que o puseram em evidência, sempre lhe foram proveitosas; e, o que é digno de nota, é que quanto mais violentos foram os ataques, mais ele progrediu. Não seria necessário a todas as grandes idéias o batismo da perseguição, fosse ainda o da zombaria? E por que ele não o sofreu? A razão é muito simples: é porque, fazendo-o dizer o contrário do que diz, apresentando-o completamente diverso do que ele é, corcunda quando é ereto, só terá a ganhar num exame sério e consciencioso, e os que o quiseram ferir sempre feriram no lado da verdade. (Vide a *Revista* de fevereiro de 1869: *O poder do ridículo*.)

Ora, quanto mais negras forem as cores sob as quais o apresentam, mais excitarão a curiosidade. O partido que se bateu em dizer que é o diabo, fez-lhe muito bem, porquanto, entre os que ainda não tinham tido oportunidade de ver o diabo, muitos ficaram bem à vontade sabendo como ele é, e não o acharam tão negro quanto o haviam pintado. Dizei que numa praça de Paris há um monstro horrível, que vai empestar toda a cidade, e todo mundo

correrá para vê-lo. Não se viram autores mandar publicar nos jornais críticas contra suas próprias obras, unicamente para que delas falassem? Tal foi o resultado das diatribes furibundas contra o Espiritismo; provocaram o desejo de conhecê-lo e serviram-no mais do que o prejudicaram.

Falar do Espiritismo, não importa em que sentido, é fazer propaganda em seu proveito; aí está a experiência para o provar. Deste ponto de vista, devemos nos felicitar pela conferência do Sr. Chevillard. Mas, apressemo-nos em dizer, em louvor ao orador, que ele se cingiu a uma polêmica honesta, leal e de bom-gosto. Emitiu a sua opinião: é direito seu e, embora não seja a nossa, não temos por que nos queixar. Mais tarde, sem a menor dúvida, quando chegar o momento oportuno, o Espiritismo também terá os seus oradores simpáticos. Apenas lhes recomendaremos que não caiam no erro dos adversários, isto é, que estudem a questão a fundo, a fim de só falarem com conhecimento de causa.

Dissertações Espíritas

A MÚSICA E AS HARMONIAS CELESTES

Continuação – Vide o número de janeiro

(Paris – Grupo Desliens, 5 de janeiro de 1869 – Médiun: Sr. Desliens)

Senhores, tendes razão de me lembrar minha promessa, porque o tempo, que passa tão rapidamente no mundo do espaço, tem minutos eternos para aquele que o sofre sob o aperto da prova! Há alguns dias, algumas semanas, eu contava como vós; cada dia acrescentava toda uma série de vicissitudes àquelas outras já suportadas, e a taça ia-se enchendo lentamente.

Ah! não sabeis quanto uma reputação de grande homem é pesada para suportar! Não desejeis a glória; não sejais

conhecidos: sede úteis. A popularidade tem os seus espinhos e, por mais de uma vez, vi-me ferido pelas carícias demasiado brutais da multidão.

Hoje, a fumaça do incenso não mais me inebria. Paira sobre as mesquinhas, e é um horizonte sem limites que se estende diante da minha insaciável curiosidade. Por isso, as horas caem aos borbotões na ampulheta secular, e procuro sempre, sempre estudo sem jamais contar o tempo decorrido.

Sim, eu vos prometi. Mas, quem pode gabar-se de cumprir uma promessa, quando os elementos necessários para cumpri-la pertencem ao futuro? O poderoso do mundo, ainda sob o sopro da adulação dos cortesãos, pôde ter querido enfrentar o problema corpo a corpo; mas não era mais de uma luta fratricida que se tratava aqui; não havia mais aplausos, ruidosas aclamações para me encorajar e escapar de minha fraqueza. Era, e ainda é, um trabalho sobre-humano a que me atirei; é contra ele que luto sempre e, se espero triunfar, contudo não posso dissimular o meu esgotamento. Estou vencido... em apuros!... Repouso antes de explorar de novo; mas, se hoje não vos posso falar do que será o futuro, talvez possa apreciar o presente: ser crítico, depois de ter sido criticado. Vós me julgais e não me aprovareis senão se eu for justo, o que tentarei fazer, evitando os personalismos.

Por que, então, tantos músicos e tão poucos artistas? tantos compositores e tão poucas verdades musicais? Ai! é que não há, como se pensa, imaginação que a arte possa criar; não há outro mestre e outro criador senão a verdade. Sem ela não há nada, ou só há uma arte de contrabando, de ouropéis, de contrafação. O pintor pode dar a ilusão de mostrar branco onde não pôs senão uma mistura de cores sem nome; as oposições de matizes criam uma aparência e foi assim, por exemplo, que Horace Vernet pôde fazer parecer de um branco brilhante um magnífico cavalo baio.

Mas a nota só tem um som. O encadeamento dos sons não produz uma harmonia, uma verdade senão quando as ondas sonoras se fazem o eco de uma outra verdade. Para ser músico, já não basta alinhar notas sobre um pentagrama, de maneira a conservar a justeza das relações musicais; assim só se consegue produzir ruídos agradáveis; mas é o sentimento que nasce sob a pena do verdadeiro artista, é ele que canta, chora, ri... Assobia na folhagem com o vento tempestuoso; salta com a vaga espumante; ruge com o tigre furioso!... Mas, para dar alma à música, para fazê-la chorar, rir, uivar, é preciso que ele próprio tenha experimentado esses diferentes sentimentos, dores, alegria, cólera!

É com o sorriso nos lábios e a incredulidade no coração que personificais um mártir cristão? Será um céptico do amor que fará um Romeu, uma Julieta? Será um estróina despreocupado que criaria a Margarida de *Fausto*? Não! É preciso inteira paixão àquele que faz vibrar a paixão!... E eis por que, quando se denigrem tantas folhas, as obras são tão raras e as verdades excepcionais: é que não se crê, é que a alma não vibra. O som que se ouve é o do ouro que tilinta, do vinho que crepita!... A inspiração é a mulher que exhibe uma beleza falsa; e, como não se possui senão defeitos e virtudes falsas, só se produz um verniz, uma maquilagem musical. Arranhai a superfície e logo encontrareis a pedra.

Rossini

(17 de janeiro de 1869 – Médiun: Sr. Nivard)

O silêncio que guardei sobre a questão que me dirigiu o mestre da Doutrina Espírita foi explicado. Era conveniente, antes de abordar esse difícil tema, recolher-me, lembrar-me e condensar os elementos que estavam em minha mão. Eu não tinha que estudar música, tinha apenas que classificar os argumentos com método, a fim de apresentar um resumo capaz de dar uma idéia de minha concepção sobre a harmonia. Esse trabalho, que não fiz sem

dificuldade, está terminado, e estou pronto a submetê-lo à apreciação dos espíritas.

A harmonia é difícil de definir. Muitas vezes confundem-na com a música, com os sons resultantes de um arranjo de notas, e das vibrações dos instrumentos reprodutores desse arranjo. Mas a harmonia não é isto, como a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases: é tangível; a luz que ela projeta é um efeito dessa combinação e não a própria chama: ela não é tangível. Aqui o efeito é superior à causa. Assim com a harmonia. Ela resulta de um arranjo musical, é um efeito igualmente superior à sua causa: a causa é brutal e tangível; o efeito é sutil e não é tangível.

Pode-se conceber a luz sem chama e compreende-se a harmonia sem música. A alma é apta a perceber a harmonia fora de todo concurso de instrumentação, como é apta a ver a luz fora de todo concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que possui a alma; quanto mais desenvolvido esse sentido, melhor ela percebe a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma: é percebida em razão do desenvolvimento desse sentido. Fora do mundo material, isto é, fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina; nós as possuímos em razão dos esforços feitos para adquiri-las. Se comparo a luz e a harmonia, é para me fazer compreender melhor e, também, porque essas duas sublimes satisfações da alma são filhas de Deus e, por conseguinte, irmãs.

A harmonia do espaço é tão complexa, tem tantos graus que eu conheço, e muitos mais ainda, que me são ocultos no éter infinito, que aquele que estiver colocado num certo nível de percepções, é como que tomado de admiração ao contemplar essas harmonias diversas, que, se fossem reunidas, constituiriam a mais insuportável cacofonia; ao passo que, ao contrário, percebidas separadamente, constituem a harmonia particular a cada grau. Essas harmonias são elementares e grosseiras nos graus inferiores;

levam ao êxtase nos graus superiores. Tal harmonia, que choca um Espírito de percepções sutis, deslumbra um Espírito de percepções grosseiras; e quando ao Espírito inferior é dado deleitar-se nas delícias das harmonias superiores, é tomado pelo êxtase e a prece o penetra; o encantamento o arrasta às esferas elevadas do mundo moral; vive uma vida superior à sua e desejaria continuar a viver sempre assim. Mas, quando a harmonia deixa de o penetrar, desperta, ou, se se quiser, adormece. Em todo o caso, volta à realidade de sua situação, e nos lamentos que deixa escapar por ter descido, se exala uma prece ao Eterno, pedindo forças para subir. Para ele é um grande motivo de emulação.

Não tentarei dar a explicação dos efeitos musicais que produz o Espírito agindo sobre o éter. O que é certo é que o Espírito produz os sons que quer, e não pode querer o que não sabe. Ora, aquele que compreende muito, que tem a harmonia em si, que dela está saturado, que goza, ele próprio, o seu sentido íntimo, esse nada impalpável, essa abstração que é a concepção da harmonia, age quando quer sobre o fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que o Espírito concebe e quer. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito; a harmonia que este último traz em si a bem dizer se concretiza; exala-se doce e suave como o perfume da violeta, ou ruga como a tempestade, ou rebenta como o raio, ou se lamenta como a brisa; é rápida como o relâmpago, ou lenta como a nuvem; é entrecortada como o soluço, ou uniforme como a relva; é desordenada como uma catarata, ou calma como um lago; murmura como um regato ou estrondeia como uma torrente. Ora tem a agreste aspereza das montanhas, ora o frescor de um oásis; é sucessivamente triste e melancólica como a noite, jovial e alegre como o dia; é caprichosa como a criança, consoladora como a mãe e protetora como o pai; é desordenada como a paixão, límpida como o amor e grandiosa como a Natureza. Quando ela chega a este último termo, confunde-se com a prece, glorifica a Deus e leva ao deslumbramento aquele mesmo que a produz ou a concebe.

Oh! comparação! comparação! Por que se é obrigado a empregar-te? Por que se dobrar às tuas necessidades degradantes e tomar, à natureza tangível, imagens grosseiras para fazer conceber a sublime harmonia na qual se deleita o Espírito? E ainda, malgrado as comparações, não se pode dar a compreender essa abstração, que é um sentimento quando ela é causa, e uma sensação quando se torna um efeito?

O Espírito que tem o sentimento da harmonia é como o Espírito que se quitou intelectualmente; um e outro gozam constantemente da propriedade inalienável que conquistaram. O Espírito inteligente, que ensina sua ciência aos que ignoram, experimenta a felicidade de ensinar, porque sabe que torna felizes aqueles a quem instrui; o Espírito que faz ressoar no éter os acordes da harmonia que nele existe, experimenta a felicidade de ver satisfeitos os que o ouvem.

A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito; a primeira o deslumbra, a segunda o esclarece, a terceira o eleva. Possuídas em suas plenitudes, elas se confundem e constituem a pureza. Ó Espíritos puros que as contendes! Descei às nossas trevas e clareai nossa marcha; mostrai-nos o caminho que tomastes, a fim de que sigamos as vossas pegadas!

E quando penso que esses Espíritos, cuja existência posso compreender, são seres finitos, átomos, em face do Senhor universal e eterno, minha razão fica confusa, pensando na grandeza de Deus e na felicidade infinita que goza em si mesmo, pelo só fato de sua pureza infinita, pois tudo quanto a criatura adquire não é senão uma parcela que emana do Criador. Ora, se a parcela chega a fascinar pela vontade, a cativar e a deslumbrar pela suavidade, a resplender pela virtude, que deve então produzir a fonte eterna e infinita de onde foi tirada? Se o Espírito, ser criado, chega a haurir

em sua pureza tanta felicidade, que idéia se deve fazer da que o Criador haure em sua pureza absoluta? Eterno problema!

O compositor que concebe a harmonia a traduz na grosseira linguagem chamada música; concretiza sua idéia e a escreve. O Espírito aprende a forma e toma o instrumento que lhe deve permitir exprimir a idéia. O ar posto em atividade pelo instrumento leva-a ao ouvido, que a transmite à alma do ouvinte. Mas o compositor foi impotente para exprimir inteiramente a harmonia que concebia, por falta de uma língua suficiente; por sua vez o executante não compreendeu toda a idéia escrita, e o instrumento indócil de que se serve não lhe permite traduzir tudo quanto compreendeu. O ouvido é ferido pelo ar grosseiro que o cerca, e a alma recebe, enfim, por um órgão rebelde, a horrível tradução da idéia nascida na alma do maestro. A idéia do maestro era o seu sentimento íntimo; embora corrompida pelos agentes de instrumentação e de percepção, produz, no entanto, sensações nos que escutam a sua tradução; essas sensações são a harmonia. A música as produziu: são efeitos desta última. A música é posta a serviço do sentimento para produzir a sensação. No compositor o sentimento é a harmonia; no ouvinte a sensação também é harmonia, com a diferença de que é concebida por um e recebida por outro. A música é o *médium* da harmonia; ela a recebe e a dá, como o refletor é o *médium* da luz, como tu és o *médium* dos Espíritos. Ela a torna mais ou menos corrompida, conforme seja mais ou menos bem executada, como o refletor envia melhor ou pior luz, conforme seja mais ou menos brilhante e polido, como o médium exprime mais ou menos os pensamentos do Espírito, conforme seja mais ou menos flexível.

E agora que a harmonia está bem compreendida em sua significação, que se sabe que é concebida pela alma e transmitida à alma, compreender-se-á a diferença que existe entre a harmonia da Terra e a do espaço.

Entre vós, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção. Entre nós tudo é sutil: vós tendes o ar, nós temos o éter; tendes o órgão que obstrui e vela; em nós a percepção é direta e nada a vela. Entre vós, o autor é traduzido; entre nós, fala sem intermediário e na linguagem que exprime todas as concepções. E, contudo, essas harmonias têm a mesma fonte, como a luz da Lua tem a mesma fonte que a do Sol; assim como a luz da Lua é o reflexo da luz do Sol, a harmonia da Terra não passa de reflexo da harmonia do espaço.

A harmonia é tão indefinível quanto a felicidade, o medo, a cólera: é um sentimento. Não se a compreende senão quando se a possui, e não se a possui senão quando se a adquiriu. O homem que é jovial não pode explicar sua alegria; o que é medroso não pode explicar seu medo. Podem dizer os fatos que provocam esses sentimentos, defini-los, descrevê-los, mas os sentimentos ficam inexplicados. O fato que causa a alegria em um nada produzirá sobre outro; o objeto que ocasiona o medo produzirá a coragem de outro. As mesmas causas são seguidas de efeitos contrários; isto não se dá em física, mas se dá em metafísica. Isto sucede porque o sentimento é propriedade da alma, e as almas diferem entre si em sensibilidade, em impressionabilidade, em liberdade. A música, que é a causa secundária da harmonia percebida, penetra e transporta um e deixa o outro frio e indiferente. É que o primeiro está em condição de receber a impressão produzida pela harmonia e o segundo num estado contrário; escuta o ar que vibra, mas não compreende a idéia que ele lhe traz. Este chega ao aborrecimento e adormece, aquele ao entusiasmo e chora. Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é mais elevado, mais depurado que aquele que ela não pode penetrar; sua alma está mais apta para sentir; desprende-se mais facilmente e a harmonia a ajuda a se desprender; ela a transporta e lhe permite ver melhor o mundo moral. De onde se deve concluir que a música é essencialmente moralizadora, pois que leva a harmonia às almas e a harmonia as eleva e as engrandece.

A influência da música sobre a alma, sobre o seu progresso moral, é reconhecida por todo o mundo; mas a razão dessa influência geralmente é ignorada. Sua explicação está inteiramente neste fato: a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa. Tal sentimento existe num certo grau, mas se desenvolve sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que é privado desse sentimento a ele é trazido gradativamente; também acaba por se deixar penetrar e arrastar ao mundo ideal, onde esquece, por um instante, os grosseiros prazeres, que prefere à divina harmonia.

E agora, se se considerar que a harmonia sai do conceito do Espírito, deduzir-se-á que, se a música exerce uma influência feliz sobre a alma, a alma, que a concebe, também exerce sua influência sobre a música. A alma virtuosa, que tem a paixão do bem, do belo, do grande, e que adquiriu harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as almas mais encoraçadas e de comovê-las. Se o compositor estiver terra-a-terra, como expressará a virtude que desdenha, o belo que ignora e o grande que não compreende? Suas composições serão o reflexo de seus gostos sensuais, de sua leviandade, de sua indolência. Elas serão ora licenciosas, ora obscenas, ora cômicas e ora burlescas; comunicarão aos ouvintes os sentimentos que exprimirem, e os perverterão, em vez de os melhorar.

Moralizando os homens, o Espiritismo exerce, assim, uma grande influência sobre a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão suas virtudes, fazendo ouvir suas composições.

Rirão menos, chorarão mais; a hilaridade dará lugar à emoção, a feiúra à beleza e o cômico à grandeza.

Por outro lado, os ouvintes que o Espiritismo terá preparado para receber facilmente a harmonia, ouvindo música

séria, sentirão um verdadeiro encanto; desdenharão a música frívola e licenciosa, que se apodera das massas. Quando o grotesco e o obsceno forem deixados pelo belo e pelo bom, desaparecerão os compositores dessa ordem, porque, sem ouvintes, nada ganharão, e é para ganhar que se corrompem.

Oh! sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como não seria assim? Seu advento mudará a arte, depurando-a. Sua fonte é divina, sua força a conduzirá por toda parte onde houver homens para amar, para se elevar e para compreender. Tornar-se-á o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas lhe pedirão suas inspirações, e ele lhas fornecerá, porque é rico, porque é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini, em nova existência, virá continuar a arte que considera como a primeira de todas; o Espiritismo será o seu símbolo e o inspirador de suas composições.

Rossini

A MEDIUNIDADE E A INSPIRAÇÃO

(Paris – Grupo Desliens, 16 de fevereiro de 1869)

Sob suas formas variadas ao infinito, a mediunidade abarca a Humanidade inteira, como uma rede à qual ninguém pode escapar. Cada um, estando em contato diário, saiba-o ou não, queira-o ou se revolte, com inteligências livres, não há um homem que possa dizer: Não fui, não sou ou não serei médium. Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual vulgarmente se deu o nome de *voz da consciência*, cada um está em relação com várias influências espirituais, que aconselham num ou noutro sentido e, muitas vezes, simultaneamente, o bem puro, absoluto; acomodações com o interesse; o mal em toda a sua nudez. – O homem evoca essas vozes; elas respondem ao seu apelo, e ele escolhe; mas escolhe entre essas diversas inspirações e o seu

próprio sentimento. – Os inspiradores são amigos invisíveis; como os amigos da Terra, são sérios ou eventuais, interesseiros ou verdadeiramente guiados pela afeição.

São consultados, ou aconselham espontaneamente, mas, como os conselhos dos amigos da Terra, seus conselhos são ouvidos ou rejeitados; por vezes provocam um resultado contrário ao que se espera; muitas vezes não produzem qualquer efeito. – Que concluir daí? Não que o homem esteja sob a ação de uma mediunidade incessante, mas que obedece livremente à sua própria vontade, modificada por avisos que, no estado normal, jamais podem ser imperativos.

Quando o homem faz mais do que se ocupar dos mínimos detalhes de sua existência, e quando se trata de trabalhos que ele veio realizar mais especialmente, de provas decisivas que deve suportar, ou de obras destinadas à instrução e à elevação gerais, as vozes da consciência não se fazem mais somente e apenas conselheiras, mas atraem o Espírito para certos assuntos, provocam certos estudos e colaboram na obra, fazendo ressoar certos compartimentos cerebrais pela inspiração. Aqui é uma obra a dois, a três, a dez, a cem, se quiserdes; mas, se cem nela tomaram parte, só um pode e deve assiná-la, porque só um a fez e é o seu responsável!

Afinal de contas, o que é uma obra, seja qual for? Jamais é uma criação; é sempre uma descoberta. O homem nada faz, tudo descobre. É preciso não confundir esses dois termos. Inventar, no seu verdadeiro sentido, é tornar evidente uma lei existente, um conhecimento até então desconhecido, mas posto em germe no berço do Universo. Aquele que inventa levanta uma das pontas do véu que oculta a verdade, mas não cria a verdade. Para inventar é preciso procurar e procurar muito; é preciso compulsar os livros, rebuscar no fundo das inteligências, pedir a um a Mecânica, a outro a Geometria, a um terceiro o conhecimento das relações musicais, a

um outro, ainda, as leis históricas e, do todo, fazer algo novo, interessante, inimaginável.

Aquele que foi explorar os recantos das bibliotecas, que ouviu falarem os mestres, que perscrutou a Ciência, a Filosofia, a Arte, a Religião, da antiguidade mais remota até os nossos dias, é o médium da Arte, da História, da Filosofia e da Religião? É o médium dos tempos passados, quando por sua vez escreve? Não, porque não conta pelos outros, mas ensinou os outros a contar e enriquece os seus relatos de tudo o que lhe é pessoal. – Por muito tempo o músico ouviu a toutinegra e o rouxinol, antes de inventar a música; Rossini escutou a Natureza antes de traduzi-la para o mundo civilizado. Ele é o médium do rouxinol e da toutinegra? Não: compõe e escreve; escutou o Espírito que lhe veio cantar as melodias do céu; ouviu o Espírito que clamou a paixão ao seu ouvido; ouviu gemerem a virgem e a mãe, deixando cair, em pérolas harmoniosas, sua prece sobre a cabeça do filho. O amor e a poesia, a liberdade, o ódio, a vingança e numerosos Espíritos que possuem esses sentimentos diversos, cada um por sua vez cantou a sua partitura ao seu lado. Ele as escutou, as estudou, no mundo e na inspiração, e de um e outro fez as suas obras. Mas não era médium, como não é médium o médico que ouve os doentes contando o que sofrem, e que dá um nome às suas doenças. – A mediunidade teve suas horas num como no outro; mas fora desses momentos muito curtos para a sua glória, o que fez, o fez apenas à custa dos estudos colhidos dos homens e dos Espíritos.

Sendo assim, é-se médium de todos; é-se médium da Natureza, médium da verdade e médium muito imperfeito, porque muitas vezes a mediunidade aparece de tal modo desfigurada pela tradução, que é irreconhecível e desconhecida.

Halévy

Allan Kardec

Errata

Número de fevereiro de 1869, página 63, linha 32, lede:
eles opuseram aos católicos armas...

Mesmo número, página 64, linhas 16 e seguintes, lede:
*e a mais nova das irmãs foi deixada como morta, debaixo de corpos
massacrados, sem ter sido ferida. A outra irmã, ainda viva, foi levada
para a casa do pai, mas morreu dos ferimentos alguns dias depois.*¹⁰

10 **N. do T.:** As páginas e linhas indicadas correspondem ao original francês. As correções apontadas por Allan Kardec foram feitas nos devidos lugares desta versão.